

# OS TIOS DA AMÉRICA

• JÚLIO CONRADO

DP 26.1.88

## LIVROS

DOIS livros de ficção de dois autores muito especiais emparceiram nos escaparates: *A Colina de Cristal* (O Jornal), de Baptista-Bastos, e *Alexandra Alpha* (D. Quixote), de José Cardoso Pires. Ignoro se ambos os escritores se reclamam, com igual aplicação, do estatuto de beneficiários da herança «americana» (Dos Passos, Hemingway, Steinbeck, etc.). Quer um, quer outro, todavia, não podem eximir-se a que o olho mítico deles tenha retido imagens esmaltadas por estilos que devem — principalmente em Cardoso Pires — aos «tios» da América essa busca tenaz do rigor, da sobriedade e ao mesmo tempo da eficácia vocabulares, da arte de contar uma história com grande economia de meios e despojamento de linguagem, próprios dos ficcionistas «neo-realistas» e realistas críticos estado-unidenses. A singularidade reside agora no facto de Baptista-Bastos ter ascendido à liderança de um tipo de escrita que sistematicamente vem aperfeiçoando, perante a demissão do «rei» Cardoso Pires, cujo *Alexandra Alpha* constitui uma alteração, a muitos títulos inesperada, à sua maneira de estar na Literatura. Ao escrever *Alexandra Alpha*, Cardoso Pires aproxima-se de «son ami» García Márquez e a prosa de *A Colina de Cristal* está já ao nível de uma outra prosa preferida de Baptista-Bastos: a de Carlos de Oliveira.

Não há romances «bacteriologicamente» puros e não vale muito a pena dizer-se que fulano anda a imitar sicrano e coisas do género: o bom texto de ficção é aquele em que a subjectividade do sujeito da escrita se impõe ao universo referencial envolvente. A partir daí é possível definir nos romances de Baptista-Bastos uma linha de coerência nem sempre isenta de aforamentos redutores — refiro, a propósito, *Elegia para Um Caixão Vazio* — mas a que *A Colina de Cristal* devolve o movimento ascensional. Obra perfeita, com cada palavra, cada gesto, cada quadro ficcional minuciosamente resolvidos, *A Colina de Cristal* abre na bibliografia do autor um ciclo de maturidade no que esta tem de mais sedutor, em arte: o conhecimento profundo da vida, dos signos que a povoam e das frases que a nomeiam, a capacidade de a todo esse cabedal de experiência juntar a sabedoria de julgar o Tempo para lá das paixões dos tempos. Baptista-Bastos, neste livro, o patamar da eternidade: é-lhe preciso doravante evitar as tentações narcisistas, as elucubrações pseudo-

-intelectuais e os envolvimentos excessivos na guerrilha quotidiana — que, ao contrário do que julga, só o diminuem. Toda a energia criadora terá de ser carregada para o próximo romance; este, conjuntamente com *Viagem de Um Pai e de Um Filho pelas Ruas da Amargura* e *A Colina de Cristal* completará, muito provavelmente, a trilogia de ouro que vai embalar Baptista-Bastos para a glória de ser considerado o maior escritor português, realista, vivo. Meta que está perfeitamente ao alcance do autor desde que, como n'*A Colina de Cristal*, se mantenha atento ao mundo das suas raízes, ao clima afectivo que lhe é próprio e que tão bem sabe transmitir à composição de personagens exemplares, bem eloquentes nos seus silêncios e solidariedades, como as dos dois estradeiros arrancados em feliz momento criador à história anónima da «colina da Ajuda». Neste caso, não se dirá que a herança dos tios da América ficou como estava: dir-se-á que foi acrescentada, melhorada — que já não parece a mesma.

Renunciando ao estilo que lhe trouxe fama e proveito, Cardoso Pires obstinou-se, em *Alexandra Alpha*, na «mudança do visual» da sua escrita. Deixou correr livremente a pena e a imaginação, abandonou a prosa tensa como um fio de aço esticado para se entregar às seduções da literatura «desenvolta», descentrou a acção, pulverizando-a por núcleos sociais autónomos para assim dar à vulgaridade de algumas amostras de portugueses, estruturou diacronicamente a intriga de modo a fazê-la atravessar uma porção de anos mais ou menos quentes. De tudo isto resultou uma amálgama de situações, conflitos, aproximações, recuos, metamorfoses, que pretende constituir ambiciosa panorâmica de certa retaguarda lisboeta ligada aos comportamentos da pequena burguesia citadina nos tempos de guerra colonial, com posterior acesso daquela às turbulências da revolução que não protagoniza mas que, temporariamente, enche de desvelos. Entre esta gente de ideias feitas que cultiva o lugar-comum *snoob*, a gíria de *bas-fond*, o aparte estereotipado, com naturalidade e convicção, se move agora Cardoso Pires. O pior é que o autor nem sempre põe a sua escrita a salvo da linguagem e das ideias das personagens. Isso leva a que em *Alexandra Alpha* momentos de grande literatura alternem com páginas menores, algumas francamente maçadoras: chatas são as manas da história e cintilantes as puxadas «filosóficas» de Opus Night.